

O LUTO AMOROSO, UMA LEITURA DE *PAISAGEM COM DROMEDÁRIO*, DE CAROLA SAAVEDRA

Patricia Mariz da Cruz (UNIFESP)

patricia-mariz@hotmail.com

Paloma Vidal

Nascida da separação entre o homem e a natureza, a paisagem, no Romantismo, era considerada como o lugar da integração e da totalidade. Entretanto, tal conceito já não se configura do mesmo modo na contemporaneidade: a paisagem não está mais atrelada ao espaço geográfico; ela representa a fragmentação experimentada pelo homem. É diante de tal perspectiva que o terceiro romance de Carola Saavedra se desvela. Publicada em 2010 pela editora Companhia das Letras, *Paisagem com Dromedário*, apresenta o discurso amoroso da personagem Érika, que em 22 gravações, destinadas a Alex, rememora seu outro objeto amoroso ausente, Karen. Essas gravações expõem a intimidade da narradora-personagem e a escrita, subjetiva, faz com que temas como o amor, o luto e a melancolia emerjam a partir do isolamento de Érika em uma ilha turística. Essa paisagem demonstra a fragmentação vivida pela personagem, uma vez que o lugar é apenas descrito; não é nomeado, mas que demonstra ser de grande relevância para a história: é através dela que as lembranças da personagem são (re)vividas e Karen, presentificada. Além disso, o exílio da narradora-personagem, que se constitui como a sua suspensão de interesse no mundo externo, é também considerada como um movimento natural da experiência do luto. A narrativa *Paisagem com Dromedário*, portanto, mostra a paisagem como um lugar de fragmentação e que motiva as gravações de Érika. É por meio dessas gravações que a narradora rememora seu objeto amoroso ausente e a presentifica, mantendo, assim, o laço amoroso que a liga a Alex. Além disso, a lembrança de Karen se constitui como um processo necessário à cura do processo de luto.